

# 2010 VAI EXIGIR INVESTIMENTOS

**CRISTIANE BONIN**

*cristiane@pjjournal.com.br*

**A**lavançagem da economia de Piracicaba e região a partir de 2010 depende da recuperação do mercado norte-americano e de fortes investimentos fabril e em tecnologia por parte dos setores da economia, principalmente o sucroalcooleiro. As análises sobre o futuro da economia piracicabana, brasileira e internacional foram feitas para o JP pelos economistas Lineu Maffezoli, diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da PUC (Pontifícia Universidade Católica) Campinas e professor de economia brasileira da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), e Pedro Ramos, professor do Núcleo de Economia Agrícola do Instituto de Economia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Sobre os fatores que podem atrasar a economia local, Maffezoli considera um fator complicante a possibilidade de agravamento do cenário internacional, ainda relativamente indefinido em função da recente crise internacional provocada pela especulação financeira, em especial, a partir do mercado norte-americano.

Ele lembra que, embora a economia brasileira tenha apresentado uma inusitada capacidade de resistência frente ao quadro da crise mundial, a recuperação de-

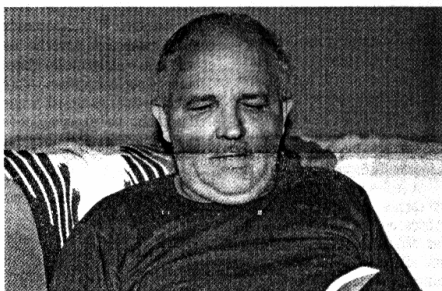
pendência da injeção de dinheiro prevista em novos projetos fabris, como com a instalação da Hyundai, e obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Para ele, também é importante que as empresas já instaladas antecipem investimentos necessários na ampliação de capacidade produtiva, dado o crescimento da demanda que se prenuncia a partir de 2010 — com obras do PAC, aumento de fornecedores para novas fábricas, Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas em 2016.

Pedro Ramos concorda que a economia local depende do crescimento dos setores consumidores dos produtos locais, como é o caso da recuperação dos Estados Unidos. No contexto de investimentos, o economista Ramos faz suas projeções dividindo o ambiente econômico local em três grandes setores — construção civil/infra-estrutura, autopeças/transporte, e complexo agroindustrial canavieiro.

Com relação ao primeiro macrosetor, no qual Ramos inclui a siderurgia — representada em Piracicaba pela gigante do setor ArcelorMittal —, as possibilidades para alavançagem incluem as obras de infra-estrutura no próprio país e melhora do mercado externo com reflexos positivos não somente para a Arcelor como também para a Lef Cerâmica, outra importante indústria local.

Para o setor de autopeças, Ra-



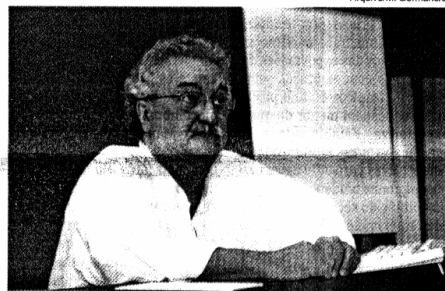
Ramos: governos não conseguirão 'pagar o pato' no caso de um repique

mos vincula as boas expectativas à instalação da fábrica da Hyundai, que trará outras empresas e diversificação àquelas em operação, além da perspectiva de mudança da matriz de transporte por conta da saturação do meio de locomoção individual e necessidade de incrementos na oferta de coletivos, como trens e ônibus para pequenas distâncias.

Sobre o que é considerado o mais importante setor de Piracicaba e região, o sucroalcooleiro, Ramos, que prefere usar a nomenclatura complexo agroindustrial canavieiro, alerta que é preciso afastar o ufanismo. Ele ressalta que os comentários também valem para o setor metal-mecânico, que o especialista chama brincando de "filhote do complexo agroindustrial canavieiro".

O setor que o professor da

S. Fávoro/JP



Arquivo/M. Germano/JP

Maffezoli: economia brasileira apresentou resistência à crise

Unicamp enfatiza como a base da economia piracicabana precisa adequar seus produtos e subprodutos, serviços e equipamentos à demanda do mercado internacional. Na análise de Ramos, as tecnologias precisam ser realmente limpas, equacionando problemas como a produção de vinhaça, além de se alcançar escalas de produção, principalmente de etanol, com garantias sociais e ambientais.

"Não adianta vir com essa visão ufanista, sobre a qual tenho uma visão bem crítica, de que o Brasil é um país de ponta nessa tecnologia de biocombustíveis. Não é. A África do Sul e a Austrália são competitivas nessa área assim como os Estados Unidos. Depende muito do que será feito. O que poderá atrasar a economia de Piracicaba é a falta de aprimo-

ramento do que temos. A tecnologia precisa ser melhorada e esse é o ponto central. Assim, é fundamental a troca de informações com a academia, já que temos uma escola voltada exatamente para esse ramo, a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz)", disse o economista. Outro desafio destacado por Ramos são as barreiras tarifárias e não-tarifárias, esta última, em sua avaliação, sendo a pior. "É um problema sério a necessidade de desmontar uma política de subsídios que protege uma agricultura empresarial dinâmica de base familiar em países produtores. Eu não creio que é fácil desmontar essa barreira.

Em contrapartida, o especialista no assunto lembra que a cobrança mundial por parte da redução do consumo de combusti-

veis fósseis pode auxiliar o Brasil e, principalmente, Piracicaba.

**POLÍTICA** — Menos crente, o economista Pedro Ramos lembra que os governos federais não conseguirão "pagar o pato" no caso de um repique a curto prazo da crise econômica que se instalou no mundo no final de 2008.

"Os Estados e os governos dos países desenvolvidos não vão conseguir bancar os reflexos da crise no longo prazo. Por enquanto quem pagou a conta da crise foram os governos federais, que não vão poder continuar fazendo isso. O repique viria mais forte (do que a crise de 2008) porque vai ficar difícil o poder público bancar novamente uma nova crise. Ai, o prejuízo será distribuído e alguém vai ter de arcar com os danos e possivelmente não serão os governos."